

Entre “não mais” e “ainda não”: sepultaram a política e o espírito, só resta a carne.

“Natureza da gente não cabe em nenhuma certeza”

João Guimarães Rosa

Tudo estava a seco. O tempo parecia cruel. A terra batida tinha sido morta e o assombro de uma máscara havia espantado a alegria dos sorrisos.

Por vezes, quando um coração humano é arrancado, o espaço se povoa de tristeza, produzindo sonhos. Em um deles, o vento levava o feno a sobrevoar rasteiro o terreno árido, conduzindo a um vale de ossos secos. Caminhando por entre eles era possível observar suas características: estavam sequíssimos; entretanto, alguns mais que outros, uns mais claros, outros mais escuros e convertidos pela ação do tempo.

Nas lembranças de outras épocas, quando esses ossos foram acompanhados de sentidos, eles sorriam para as folhas de outono a caírem amareladas. Continham o espírito da poesia e da criatividade de uma criança a correr por entre a relva. Onde foi parar a relva, a criança e os viventes?

A relva por seu infinito contato se distanciou, enclausurou-se. O mundo em que se convivia em um constante corpo-a-corpo de viventes e dispositivos – aquelas coisas quaisquer que fazem capturas, modelam, asseguram condutas, com seu paradoxal embate eterno -, encerrou seu movimento vazio. O mundo exposto com a capacidade de autorreprodução da relva, com seus viventes mais ou menos configurados buscando gerir a roda, parou. A relva morreu. A terra secou. E agora? – questiona o sintoma da relva - onde foi parar a criança que ali brincava? Por que não mais a vemos?

Alberto Caeiro – um dos habitantes do poeta Fernando Pessoa - sabiamente ensinara: “não basta abrir as janelas para ver os campos e os rios”; assim, muitas pessoas de visão perfeita, pouco veem. Nossa arte de ver se reduziu a técnica mecânica de um órgão que reflete um objeto. A vivacidade da arte nos sentidos e seu compartilhamento com o outro - seu “com-sentir” -, sumiu. Junto com esse sepultamento, se calcou a terra árida, sem gramados e brinquedos.

Os viventes que outrora praticavam a mágica do olhar e faziam dela um exercício manufatural de si, tornaram-se despídos do ver; tornaram-se carne nua. A carne biológica perdera a capacidade de traquinar em uma pedra, trabalhando os entalhes de seus

brinquedos; e, também, se isentou do encantamento, da engenhosidade de artesanar em si. Se perdeu o que um filósofo - até o momento sobrevivente na Itália, Giorgio Agamben -, chamaria de “a sensação da existência com o outro”, seu “com-sentir”, um ato político: aquela presença do amigo na própria existência, repartindo o simples fato de existirem.

Mas se esse ato político com o outro - a arte-brinquedo – compõe todos e apenas um ser, o escritor Rubem Alves tem grande chance de estar correto: a criança está por aí, a afirmar arte por entre os espíritos; com sua tendência ingovernável, liberdade insistente e olhos de brinquedo. Ao olhar reafirma seu retorno constante, com tantos “eus” em criação, muitos “com-sentires”. Esse sentido com o outro, é o que a criança está a ensinar: um exercício professoral de imortalidade que habita todos aqueles que aprendem a tocar o mundo com os olhos de crianças.

No entanto, ao adentrar os limites da fronteira, aos poucos o sonho vai se esvaindo, e mesmo a paisagem dos ossos secos, agora parece agradar mais do que era possível ver. Se posicionam carnes suplicantes na fronteira, defronte a homens sem relva ou criança, em suas carnes armadas.

Enquanto se entrecrocava uma voz gritante por dentro, que até mesmo os ossos poderiam ouvir, a fala naquele instante não carregaria poder maior do que o silêncio. Não se poderia ocupar o silêncio daqueles viventes que ali estavam, a encravar o punhal que Georges Bataille – um homem que um dia questionou a religiosidade do sofrimento - chamaria de “o poder do olhar da vítima sobre seus algozes”.

Os estilhaços da dignidade dos corpos, ao fundo de uma história se reescrevendo - sob a égide de exímios funcionários no cumprimento de seus deveres -, faz lembrar o relato de Hannah Arendt no livro Eichmann em Jerusalém - que aliás, nunca sai de quem convive por entre os escombros, nos quais, habitualmente, se ilude não mais habitar.

Nele, Eichmann e Hauser – oficial nazista e promotor de justiça – compunham a dubiedade de uma mesma chave, que apenas se alterna por entre as épocas para produzir o mesmo, por outras vias. O primeiro – Eichmann - realmente acreditava não ter matado, ainda que sua ação fosse encaminhar milhares à morte. Já o segundo – Hauser – exercia seu juízo sobre os milhares que passaram pela cadeira de réu, os determinando às precariedades possíveis, conforme seu “ato de verdade”. De uma maneira ou de outra, encerrando vidas para sempre. Dois funcionários exímios. De quem?

Quando as dimensões dos olhares morrem e só resta a vida biológica lutando pela sobrevivência, fica escrachado que todos – como seres que com-vivem – foram ressecando feito ossos. Os ouvidos não mais escutam e os olhos não mais veem, os corpos

executam suas funções: operadores, testemunhas ou sendo o próprio objeto. Avaliam suas múltiplas escolhas dentro do campo restrito de alternativas que lhes são postas, as quais não passam de grades. Adoradores de gaiolas, os símios do escritor Franz Kafka nem se dão conta que estão enjaulando.

Se houver uma possibilidade autêntica de insurreição, ela certamente não consistiria em mudar o mundo, ou adestrá-lo, mas sim em inserir os viventes nas experiências e sentidos de seu tempo. Abandonar esse sujeito que Foucault já nos delineou – cristão ou judiciário – que por sua obediência ou “ato de verdade”, sutilmente mata. Se algo precisa ser efetivamente destruído, é essa forma constante da relação de si para consigo mesmo; compreendendo que esse é um processo natural: reelaborar-se, destruição e construção constante. A arte de manufaturar a si; atividade política.

Talvez, a arte em suas diferentes dimensões seja apenas a expressão de devaneios – próprios ou coletivos -, no entanto é inegável que ela não é a base de um mundo que gira cronologicamente: avaliando, julgando e determinando vidas. Este mundo aí, que mata as dimensões humanas e agora atenta contra seus corpos, não se justifica por artistas como Nietzsche, Van Gogh ou Rimbaud. Suas obras nada provam sobre a razão deste mundo; mas sim, ensinam a afirmação dos olhos e espíritos das crianças. Eles mostram caminhos incertos a se elaborar, nos quais, os viventes com política e espírito arrancados, se situam na carne que habita um espaço-tempo potente, o “entre”: “não mais” e o “ainda não”.

Sintoma da relva

Marco Divisório, Sul das Gerais/Leste Paulista – outono de 2020.